

Jari volta a operar, mas sem fôlego

Telma Pinto
de Belém

Após uma injeção de recursos de cerca de R\$ 50 milhões pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), a planta industrial da Jari Celulose, que integra o grupo carioca Caemi, voltou a operar ontem, depois de ficar parada mais de cinco meses em consequência de um incêndio. Mas, segundo Ertton Sesquin Sanchez, diretor de operações do projeto agro-industrial de Almeirim (PA), a atividade da fábrica poderá ter vida curta.

A empresa não tem capital de giro para operar mais do que trinta dias, informou. Os compradores da celulose pagam em até 90 dias e a Jari não teria dinheiro para comprar os insumos necessários à operação nesse período.

Situada 400 quilômetros a oeste de Belém, a planta estava paralisada desde 28 de maio por causa do fogo, que danificou a usina de energia elétrica que movimentava a fábrica de celulose.

Com o reinício da produção, começa também o processo que deve levar à venda da Jari Celulose. Sem capital de giro e com maquinário obsoleto, a direção da empresa não vê alternativa para continuar operando em 1998. A Jari precisa hoje de cerca de R\$ 200 milhões para se capitalizar e investir na modernização dos seus equipamentos. Além disso, a empresa acumula uma dívida de R\$ 500 milhões com bancos credores e com fornecedores. Apesar das dificuldades e da paralisação temporária do projeto, nenhum dos 2,5 mil funcionários da Jari foi dispensado.

A Jari não confirma a transferência do controle acionário para viabilizar o projeto e prefere anunciar que está sendo negociada em caráter de urgência uma operação de captação de capital de giro no valor de R\$ 50 milhões, da qual participarão todos os atuais acionistas do projeto, entre eles a família Fehring, dona do grupo Caemi, o BNDES, o Banco do Brasil e alguns bancos credores. A direção da empresa também anunciou que uma outra operação de capitalização da companhia, ainda não consolidada, prevê um empréstimo de longo prazo de R\$ 200 milhões do BNDES. O BNDES detém 20% do capital acionário da Jari Celulose.

A transferência do controle acionário da Jari, vista como certa por analistas do setor, seria feita para um pool formado por bancos credores da empresa, que inclui 20 bancos privados, o BNDES e o Banco do Brasil. Segundo esses analistas, a transferência seria uma etapa intermediária rumo à venda da empresa para uma companhia do setor de celulose. Na lista dos interessados estariam a empresa norte-americana Trillion, a Companhia Vale do Rio Doce, a Aracruz Celulose e a família Azeredo Antunes.

As máquinas em Almeirim só devem atingir capacidade plena de produção, equivalente a 280 mil toneladas de celulose anuais, na próxima semana. Segundo o diretor de operações, ainda está em teste o nível de recuperação das máquinas, que estão completando 20 anos. ■

gm
11/12/97 C-5
114